



## CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA e PAZ MUNDIAL: DO “EU APATHEIA” AO “EU ECOLÓGICO”

Ana Katia Alves dos Santos\*

**Resumo:** *O objetivo deste texto é socializar parte das reflexões que vêm sendo desenvolvidas e aprofundadas nos estudos da disciplina Fundamentos e Prática da Geografia, no curso de Pedagogia da Universidade Católica do Salvador, bem como através do trabalho desenvolvido Grupo de Pesquisa Consciência Planetária e Educação desta mesma Universidade, permitindo uma leitura compreensiva das dificuldades e possibilidades formativas do “eu ecológico”, fundamental para a garantia da paz mundial, ou seja, do desenvolvimento de uma consciência planetária e comprometida com a vida na Terra em substituição ao “eu Apatheia”. Toma-se como ponto de partida a Tridimensionalidade da atual crise ambiental e ecológica no planeta: civilizacional, existencial e paradigmática. Na abordagem do tema, sugestões são oferecidas para o fortalecimento da construção de uma consciência mais comprometida com a Terra e com a Paz.*

**Palavras-chave:** Consciência Ecológica; Crise Civilizacional; Crise Paradigmática; Crise Existencial; *Apatheia*.

### 1. INTRODUÇÃO

É possível, no atual contexto mundial, construir o “eu ecológico”? Essa pergunta nos remete a várias reflexões acerca das possibilidades e limites de uma educação capaz de viabilizar a desaceleração da crise ecológica e ambiental instalada em nosso planeta, já que essa crise tomou rumos assustadores, antes nunca vistos. Essa crise é pelo menos tridimensional: é uma crise de civilização, é paradigmática e é também uma crise existencial. A manutenção dessas dimensões da crise induz a humanidade a reduzir as possibilidades de garantia de paz no mundo.

#### 1.1. CRISE CIVILIZACIONAL

Para melhor situar a crise em sua dimensão civilizacional, abordemos a Civilização Moderna, de vigência predominante entre os séculos XV e XVIII, considerando especialmente o Renascimento Cultural e a Sociedade do Crescimento Industrial, apesar dos enormes avanços, causou danos à humanidade de forma ampla. Esse modelo de civilização ampliou a capacidade humana de produzir tecnologias, informações e produtos voltados ao alto consumo, porém dialeticamente “[...]testemunhamos a destruição da vida em dimensões que as gerações precedentes não vislumbraram na história”(MACY e BROWN, 2004, p. 29).

A Civilização Moderna, por meio de sua visão focada no desenvolvimento, crescimento ilimitado e lucratividade desmedida para apenas uma pequena parcela da população mundial, dá início à grande crise ambiental<sup>i</sup> e ecológica<sup>ii</sup> que hoje afeta fortemente o planeta, gerando uma

\* [anakatiassa@terra.com.br](mailto:anakatiassa@terra.com.br); Professora da Universidade Católica do Salvador (UCSAL); Doutora e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e gestora pedagógica da Fundação Giramundo.



situação de vida extremamente desigual, insustentável e desumana para a maior parte da população, negando a paz como princípio para a vida humana. Leonardo Boff (2004) considera que essa crise vem atingindo 79% da humanidade, esta que é pobre, sendo que um bilhão de pessoas vive em estado de miséria absoluta, três bilhões têm alimentação insuficiente, sessenta milhões de jovens abaixo de 15 anos morrem de fome, o país mais rico do mundo (EUA) destina apenas 0,15% do seu PIB (Produto Interno Bruto), a cada ano terras férteis ficam desérticas, 42% das florestas tropicais já foram destruídas, dentre outros fatos que revelam a situação problemática atual.

Em nome do crescimento econômico destroi-se o planeta com queimadas de florestas e combustíveis fósseis, depositam-se resíduos tóxicos no ar, no solo e no mar, usam-se produtos químicos que destroem a camada de ozônio e tudo isso gera conseqüências de ordem civilizacionais: atualmente espécies inteiras estão morrendo, como culturas e ecossistemas em amplitude global.

A civilização do crescimento econômico depende do consumo cada vez mais agressivo e veloz, e por isso precisa de “depósito de suprimentos e esgoto”, que passa a ser a própria Terra (MACY e BROWN, 2004). Nesse sentido, torna-se claro que cada vez mais a vida na terra faz-se insustentável, visto que ainda não foi possível satisfazer as necessidades consumistas sem destruir a rede vital da Terra. Apesar do grande potencial de conhecimento técnico, de informação e comunicação, dos recursos para cultivo de alimentos, de sistema criado para a garantia da limpeza e da geração de energia da qual precisamos, não desenvolvemos a vontade de criar maneiras de controlar a população através da educação, para destruir armas e impedir guerras e a violência crescente. A economia global contemporânea, em expansão, destrói o planeta e conseqüentemente a civilização. Em que mundo a próxima geração habitará?

Para já, deve-se fazer a opção por garantir a vida sustentável na Terra, começando a criar maneiras alternativas de satisfação das necessidades sem “antecipar a morte das gerações futuras”.

Civilização sustentável é aquela que desenvolve a consciência do limite potencial do seu sistema natural, dos recursos que pode consumir e utilizar e dos resíduos que produz, e atua em função desse limite. O limite da sustentação e da paz!

Todos os países e culturas podem curar-se do poder destrutivo e viabilizar maneiras solidárias de garantir a sustentação da Terra: reduzindo os lucros, limitando a produção e o incentivo ao consumo, investindo na educação das crianças e jovens, bem como na revisão crítica dos próprios adultos colaboradores da crise, ampliando a ação política, legislativa e jurídica em prol da redução da destruição ambiental e ecológica, promovendo ações que dificultem a atuação irrestrita das multinacionais, dos governos e empresas, incentivando campanhas e fóruns para a garantia de leis favoráveis à sustentabilidade e contra crimes ambientais e sociais, defendendo campanhas para investimentos para a validação da Educação Ambiental e Ecológica, dentre outras soluções que signifiquem a revisão dessa crise.

Podem-se citar algumas iniciativas em favor de uma vida sustentável na Terra, também para as próximas gerações, e que colaboraria de forma significativa com a reversão da crise civilizacional: A declaração de Estocolmo (1972 início do debate mais sério sobre as questões ecológicas internacionais, também denominadas Declaração das Nações Unidas sobre o



Ambiente Humano); A Carta da Terra (divulgada em 2000, envolveu representante de todo o mundo, segundo Anderson Pena, em seus estudos monográficos, essa carta foi escrita por uma Comissão com membros da África, do Oriente Médio, da Ásia, da Europa, da América Latina e do Norte, contando com a participação de Leonardo Boff, personalidade brasileira. Esse talvez seja considerado o documento de maior participação dos povos da Terra e seu conteúdo é abrangente em favor da contenção da crise); A carta do mundo para a natureza (1982, divulgada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas); Declaração do Rio de Janeiro (1992, formulada durante a conferência sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, pela UNCED-*United Nations Conference on Environment and Development*-conhecida como Eco 92, Rio 92; pela mesma UNCED, a Agenda 21 (apresenta preocupação com o desenvolvimento econômico desenfreado e visa o desenvolvimento sustentável) e O Relatório Brundtland (organizado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, também chamado documento *Nosso Futuro Comum*).

Enquanto civilização devemos buscar soluções com foco na sustentabilidade da Terra e na vida comum para a garantia de paz e vida presente e futura.

## 1.2. CRISE PARADIGMÁTICA

Uma outra dimensão da crise é a paradigmática. Esta crise está situada na elaboração Moderna Científico-filosófica e na formatação de suas “argumentações e teses” a favor de uma conceituação do Ser humano como puro pensamento, ou *Racional*. Essa defesa, em certa medida, colaborou com o desenvolvimento e agravamento da atual condição de “destruição e morte” no planeta.

A super-racionalidade, a razão técnica e instrumental, a compartimentação dos saberes, a perda ou desvalorização da dimensão emocional e afetiva são marcas do paradigma Moderno de Pensamento e que gerou conseqüências na forma como definimos a nossa atuação no mundo. Separamo-nos a ponto de nos sentirmos superiores à natureza e em nossa “arrogância” por deter o que chamamos de “o poder da razão”, fomos capazes de nos desintegrarmos de tal forma da natureza que passamos a destruí-la em nome do desenvolvimento.

Esse modelo de razão tem seu fundamento numa Epistemologia<sup>iii</sup> que parece não estar dissociada do sentido etimológico *sugerido* originariamente pelos gregos, formada pela união de dois vocábulos: *epistême* + *logos* e que, como considera Heidegger (1996) *Epistême* deriva do particípio *epistámenos*, e dessa forma se chama o homem que é competente e hábil, especialmente na forma de pensar. Significa saber, ser capaz, ser competente no fazer algo, ser versado em. Esta competência e este saber dizem respeito a um estado empírico, que é a reunião da experiência com a técnica, que resulta numa coisa prática, objetiva. É aquilo que resulta da técnica. Uma atividade que passa de prática à teórica. Galeffi (2003) afirma ainda que desde a sua gênese, a filosofia relaciona *epistême* com competência teórica, “pura abstração” e que essa compreensão está atrelada à visão grega de matemática (*mathematoké*), que para os gregos traduzia-se como técnica (*techné*). A síntese é a Ciência Matemática, que se traduz como o feminino de *mathematikós*, que é aquele que possui o conhecimento de ensinar grandezas, medidas, propriedades dos entes naturais aos humanos, o que resulta numa efetiva relação de transmissão: eu sei, eu repasso. A autoridade do pensador acaba finalizando numa competência de objetivação e abstração dos fenômenos. Dessa forma, a natureza foi abstraída como algo



inferior ao homem, e por isso manipulável e submissa aos “caprichos” para além das necessidades vitais humanas. A destruição do planeta possui relações íntimas com a forma como o ser humano e a natureza foram categorizados e definidos nos planos científico e epistemológico.

Como pensamento paradigmático e hegemônico, especialmente no Ocidente, aprendemos a não nos sentirmos parte integrante da natureza, visto que a nossa razão objetiva e calculante assim nos fez crer.

O paradigma como um conjunto de crenças, opiniões, valores e métodos validados por uma comunidade acadêmica, acabam determinando a forma como em uma dada época compreendemos e atuamos em sociedade.

O paradigma científico cartesiano, e seu método analítico, pretendia compreender e sintetizar a verdade sobre as coisas, decompondo suas partes. Nesse sentido, tornava-se impossível, na análise, a percepção inter e transrelacional do todo.

Apesar das contribuições significativas do pensamento cartesiano em alguns aspectos para a época moderna, é fato que ao se tornar paradigma, passou a orientar também a conduta e o pensar do ser humano moderno especialmente no que diz respeito à fragmentação, que passou a ser característica da atitude humano frente, também, à natureza.

Esse pensamento, em favor da fragmentação do indivíduo, ocasionou perdas do aspecto espiritual da existência e colaborou com a crise ecológica e ambiental, ética, social, cultural e política na qual estamos submersos.

O ser humano, desde o início da modernidade, parece ter perdido a noção da grande ameaça existencial causada por esta forma de pensar a si próprio e ao mundo como coisas distintas.

No entanto, é possível a reordenação dessa condição. Alguns pensamentos e novas defesas epistemológicas já vêm sendo empreendidos. Como cita Macy e Brown (2004, p.36-37) algumas são as possibilidades de “novos” pensamentos, capazes de revisar a nossa forma de pensar e atuar no mundo:

- Teoria geral dos sistemas vivos, revelando a natureza auto-organizadora da realidade e a presença da mente na Natureza.
- Teoria Gaia, mostrando que o nosso planeta é um sistema vivo, nosso corpo maior.
- Ecologia profunda e movimento ecológico de longo alcance, resgatando-nos do antropocentrismo erguido pelo pensamento religioso hierárquico e evocando a santidade da vida como um todo.
- Budismo engajado e correntes similares nas tradições hindu, hassídica, sufi, taoísta, indígenas e africanas e outras que hoje surgem de ensinamentos de respeito pela Terra e pela ‘interexistência’ de todas as formas de vida, como base tanto para a prática espiritual como para a ação social.
- Ecofeminismo, mesclando crítica política com o movimento da espiritualidade feminina, dando-nos novamente uma âncora no mundo



natural e reconfigurando a realidade e o Eu em termos radicalmente relacionais.

- Ecopsicologia, alcançando as metas da psicoterapia sobre as questões mais amplas da patologia social e auxiliando-nos a questionar nossa aquiescência quanto à destruição de nosso planeta.
- O Movimento pela Vida Simples ou Simplicidade Voluntária, movimento que liberta as pessoas de padrões de consumo que não refletem suas necessidades, permitindo-lhes encontrar meios mais frugais e satisfatórios de se conectarem com seu mundo.
- Música e arte expressando nossa interconexão, e incorporando sons e imagens da Natureza.

Além dessas, citadas pelos referidos autores, há ainda a Teoria da Complexidade (Edgar Morin). O conceito propõe uma “[...] ruptura epistemológica em relação ao cientificismo moderno e sua razão calculante” (SANTOS, 2003, p. 307). Em latim, *complexus* significa aquilo que é tecido junto. Então, falar em complexidade é assumir que partes e todos estão interligados solidariamente. A teoria da Complexidade é um outro paradigma explicativo não-reducionista e fragmentador. Ela deseja capturar as relações e integrações efetivas entre os elementos, sejam naturais ou humanos. Ela, por isso, já sugere que deve haver uma integração profunda entre Ser Humano-Natureza, para que daí, e paralelamente, seja possível reencaminhar um novo rumo e estilo de vida sustentável na Terra.

Essas teorias e pensamentos sugerem o desafio contemporâneo de reintegração do Ser Humano com a Natureza.

### 1.3. CRISE EXISTENCIAL

A crise é também existencial, dizendo respeito a cada ser humano na sua individualidade e trajetória na Terra, atentando para as relações que estes estabelecem (Indivíduo-Mundo).

Atualmente percebe-se certa apatia, paralisia, imobilidade corpórea e de pensamentos críticos, além da grande redução da liberdade de expressão e ação.

O individualismo, o medo, a ignorância, a competição, indicam o estado no qual grande parte das pessoas se encontram: o estado de *Apatheia*. Essa é uma condição existencial, psíquica e orgânica de estar no mundo. Segundo Macy e Brown (2006, p. 42).

[...] *Apatheia* é uma palavra grega que significa, literalmente, ‘não sofrimento’. Dada sua etimologia, apatia é a incapacidade ou recusa a sentir a dor. Qual é a dor que sentimos – e que tentamos desesperadamente não sentir – neste planeta e época. É de uma ordem diferente daquela que os gregos antigos teriam conhecido; pertence apenas à privação da riqueza, da saúde, da reputação, ou dos seres queridos, mas também a perdas tão vastas que mal podemos dar-lhes nome. É a dor pelo mundo.

Nossa existência parece estar limitada a “assistir da janela” os acontecimentos, na maioria das vezes transmitidos pela mídia eletrônica e impressa. A apatia parece ser tanta, que cada vez mais, afastamo-nos da vida em sociedade, participamos menos e os encaminhamentos sociais, políticos, econômicos e até culturais são definidos por terceiros. Nossa existência está sendo



definida por outros que não nós mesmos. Esse é um grave problema. Com a queda do Muro de Berlim e o fortalecimento do capitalismo, a força e os sonhos parecem nos faltar. Não temos inspiração? Falta-nos coragem?

A inspiração deve ser a Terra, o Mundo, as Novas Gerações e as atuais. A coragem vem do espírito que se inquieta com as injustiças hoje colocadas e da consciência que me mobiliza a lutar pela proteção de vida sobre a Terra. Faz necessário buscar um sentido “superior” para a vida, que pelo menos nos lance para fora dos limites de “nós mesmos” e se expanda para o mundo com os outros. E nessa expansão pode-se causar perturbação, especialmente naqueles que não colaboram para o agravamento da atual crise.

Diferente da Apatia, é a agitação, em outras palavras é a movimentação. É usar o corpo, voz, mãos, pernas, olhos para defender essa outra possibilidade de existir no mundo integrado à natureza. Daí nasce o “eu-ecológico”, da consciência de que é também natureza.

Diferente, ainda, da apatia é a criação de uma cosmovisão que me movimenta permanentemente em favor da vida saudável na Terra, na atuação advinda da relação eu-grupo. O compromisso é encarar os problemas da Terra como nossos próprios problemas, assumindo a consciência de que a Terra está ameaçada e sofrendo as devastações de milênios de história. O eu-ecológico prevê a interação pessoa-grupo-natureza.

Nossa existência está vinculada à existência da Terra, nesse sentido é preciso uma mudança profunda na forma de sermos humanos existindo no mundo.

Superar as três crises a civilizacional, a paradigmática e a existencial são desafios impostos ao Ser Humano Contemporâneo como um dever a ser cumprido nesses tempos de degradação, anti-paz e ‘morte’, tanto ambiental quanto ecológica.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos podres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GALEFFI, Dante Augusto. *Delineamentos de uma filosofia do educar polilógica: no caminho de uma ontologia radical*. Salvador, 2002.

\_\_\_\_\_. *O ser-sendo da Filosofia*. Salvador: EDUFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. *Filosofar e educar*. Salvador: Quarteto, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 12. ed. Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MACY, Joanna e BROWN, Molly Young. *Nossa vida com Gaia*. São Paulo: Editora Gaia Ltda., 2004.



MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2 .ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

PENA, Anderson dos Anjos Pereira. *Educação Ambiental: Desafios e Perspectivas*. Monografia de Graduação apresentada como conclusão de curso pela Faculdade Metropolitana de Camaçari, 2004.

SANTOS, Ana Katia Alves dos Santos. (Re)significando a produção construtiva do conhecimento: da epistemologia genética à epistemologia da complexidade. *Educação e formação do educador-REVISTA da FAEEBA*, Salvador, v.12, n. 20, jul/dez 2003.

---

<sup>i</sup> Falar em ecologia é diferente de falar em meio ambiente, apesar das suas relações. Meio ambiente é um complexo de relações entre o mundo natural e ser vivo que influem no comportamento e na vida deste mesmo ser vivo. Observações sobre as influências das condições físicas, especialmente do clima sobre a vida dos animais e do ser humano.

<sup>ii</sup> Já ecologia estuda as relações entre o organismo vivo e o ambiente de forma geral, porém não visa somente à relação com o meio, mas do homem como pessoa e seu ambiente que não é apenas natural, mas também social. É uma palavra moderna e foi introduzido pelos anglofones. É uma palavra que indica, ainda, uma condição ética de existir com todo o sistema relacional de vida na terra e fora dela, tome-se o universo.

<sup>iii</sup> Galeffi (2003, p. 192-193) nos apresenta significativa descrição semântica:[...] o termo “epistemologia” foi originalmente proposto em língua inglesa (“epistemology”), em 1954, sendo usado em oposição à “ontology” (ontologia), ou seja, significando a “teoria do conhecimento” em oposição à metafísica clássica como “teoria do ser”. Entretanto há registro de seu aparecimento em língua francesa desde 1901, quando da tradução do livro de Bertrand Russell “Ensaio sobre os fundamentos da Geometria” (1894). Aí o termo “epistemologie” significa uma “filosofia da ciência”, entenda-se, dos “fundamentos” da ciência, o que em francês é “epistemologie” se diz “philosophy of science”. Esse sentido ambíguo do termo epistemologia permite falar de dois usos predominantes: um continental e outro anglo-saxônico. O dado é que tanto o alemão como o italiano, usam o termo segundo os franceses, o que caracteriza um uso continental. Epistemologia, portanto, é para a cultura continental o mesmo que “filosofia da ciência” e para a cultura anglo-saxônica é o mesmo que “teoria do conhecimento”.